
A pandemia que parou o mundo: o adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio sob as lentes da Rede Globo¹

Monique de Souza Sant'Anna FOGLIATTO²

José Carlos MARQUES³

Universidade Estadual Paulista (UNESP/FAAC), Bauru, SP

RESUMO

A pandemia de corona vírus, que teve início em dezembro de 2019, foi responsável por impactar diversos setores da vida em sociedade. No mundo esportivo, talvez o mais significativo deles foi o adiamento das Olimpíadas de Tóquio, que ocorreriam entre agosto e setembro de 2020, em uma decisão inédita na História. Através da Análise de Discurso de linha francesa e com breve análise quantitativa, procuramos analisar como este acontecimento foi retratado pela Rede Globo, emissora oficial do evento, de forma a perceber o retrato construído sobre este acontecimento jornalístico. A utilização de metáforas, jargões e explicações claras nos discursos dos jornalistas envolvidos na cobertura do fato fez com que o tema pudesse ser explorado em todas as suas potencialidades e cumprisse com o viés informativo de todo acontecimento transformado em notícia.

PALAVRAS-CHAVE: Olimpíadas 2020; Adiamento; Corona vírus; Rede Globo; Análise de Discurso.

INTRODUÇÃO

Parecia um acontecimento ainda muito distante quando, em 15 de fevereiro de 2012, formou-se um grupo de cidades postulantes à sede de uma edição dos Jogos Olímpicos que, à época, acreditava-se acontecer em 2020. Nesta data, cinco distintas localidades figuravam entre as postulantes: Madri, capital espanhola; Istambul, na Turquia; Baku, capital e o centro de comércio do Azerbaijão; Doha, no Catar e Tóquio, no Japão.

Um anúncio de cidade-sede é um tanto mais complexo do que possa parecer. Este momento é fruto um processo desenvolvido ao longo de dois anos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) que, através da avaliação do plano de intenções de cada

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, Campus Bauru – SP. Email: moniquefogliatto@gmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Bauru – SP. E-mail: zeca.marques@faac.unesp.br

uma das possíveis sedes, determina o local de ocorrência do evento, com proporções globais e repleto de significados. Foi desta forma que, em 7 de setembro de 2013, Tóquio vence a disputa travada com Madri e Istambul e era anunciada durante a 125ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional, em Buenos Aires, como sede da XXXII edição moderna dos Jogos Olímpicos, a ser disputados sete anos depois.⁴

O anúncio oficial, esperado pelo grande público, viria apenas três anos depois, na cerimônia de encerramento da edição de 2016, que teve o Rio de Janeiro como palco de ocorrência. A apresentação “See you in Tokyo 2020”, que apresentou a capital japonesa como sede das olimpíadas posteriores à edição sediada por nosso país trouxe elementos que fazem parte da mentalidade socializada sobre o país: inovações tecnológicas, o cotidiano caótico representado pela mais conhecida esquina de Tóquio com uma multidão esperando para atravessar e as interações com o universo de games, que atingiu seu ápice quando o primeiro ministro japonês Shinzō Abe aparece vestido de Mario, famoso personagem do jogo que leva o mesmo nome, foram elementos utilizados para a apresentação de Tóquio como cidade-sede.

Esta não foi a primeira vez que as terras japonesas tiveram a oportunidade de fazer acontecer uma edição das Olimpíadas. Mas o histórico de sediar este evento não é nada positivo para o país: A única edição de verão deste evento aconteceu em 1964. Escolhida para sediar a XII Olimpíada da Era Moderna, que aconteceria em 1940, Tóquio viu escapar a oportunidade quando a edição teve de ser cancelada devido aos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, que tivera início em setembro do ano anterior. Apenas 80 anos depois, e após sete de espera e preparações, a capital japonesa viu mais uma edição escapar por entre os dedos. Desta vez, afetado por uma pandemia viral de uma mutação de corona vírus, de fácil disseminação e de potencial mortalidade, optou-se por uma decisão até então inédita: o adiamento do evento.

Com impactos que extrapolam o campo esportivo, o adiamento olímpico de Tóquio 2020 foi tema recorrente nos telejornais. A compreensão do valor-notícia dado ao tema será analisada e tendo como objeto as notícias veiculadas nos telejornais da Rede Globo, emissora oficial do evento de duas maneiras distintas: através de uma breve análise quantitativa, para quantificar a importância dada ao tema sob a perspectiva do tempo das matérias veiculadas e, principalmente, através do viés da Análise de

⁴ <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2013/09/toquio-supera-ameaca-nuclear-e-sera-sede-dos-jogos-olimpicos-de-2020.html> acessado em 05 de julho de 2020

Discurso, que sustentará boa parte dessa análise, de forma a desvendar os sentidos, aparentes ou intrínsecos, construídos na abordagem do tema.

O ADIAMENTO TRANSFORMADO EM NOTÍCIA

Quando o Comitê Olímpico Internacional (COI) tornou público o adiamento das Olimpíadas de Tóquio, essa já era uma notícia esperada. Frente à disseminação do corona vírus em diversos países do mundo e a declaração de pandemia emitida pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020⁵, diversos países mobilizaram os comitês nacionais a buscarem um posicionamento a respeito da realização do evento, uma vez que diversos atletas tiveram competições pré-olímpicas e treinos regulares dificultados ou suspensos à época.

Diversos foram os elementos presentes que, indubitavelmente, transformaram o adiamento das Olimpíadas de Tóquio noticiável. A quebra da ritualidade do ciclo olímpico, com temporalidade de quatro anos, o fato de ser ocasionada por uma mutação viral potencialmente mortal e, conseqüentemente, os impactos nas mais variadas áreas da sociedade fizeram com que este acontecimento se convertesse em acontecimento jornalístico.

É a partir dos critérios de noticiabilidade, que passam por crivos subjetivos e, de certa maneira, institucionais, que os acontecimentos se convertem em potenciais acontecimentos jornalísticos. Mais do que fugir à normalidade do cotidiano, o noticiamento da decisão do COI perpassou as fronteiras geográficas, culturais e sociais. Noticiado como um dos desdobramentos mais significativos da pandemia que se instalava naquela época, essa notícia teve o poder de, talvez de certa maneira, nos transportar para o local de ocorrência e, mais do que isso, nos situar da gravidade da situação e da imprevisibilidade dos acontecimentos que viriam.

Para Molotch e Lester (1999), estes acontecimentos, de proporções globais, ao serem convertidas em acontecimentos jornalísticos, “contam-nos aquilo a que nós não assistimos diretamente e dão como observáveis e significativos *happenings* que seriam remotos de outra forma”. Mais do que relatar os acontecimentos a que não presenciamos, estes acontecimentos jornalísticos servem de documento, como uma espécie de prova de ocorrência, se convertendo em objeto de estudos posteriores pelas mais variadas áreas do conhecimento. (KATZ, 1999).

⁵ Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus> acessado em 17/07/2020

Assim como qualquer outro produto humano, não podemos olhar para a notícia como algo isento de posicionamentos ou, tal como presumia as antigas teorias do jornalismo, um produto imparcial. As próprias estratégias de conversão de um mero acontecimento em notícia perpassam por aspectos subjetivos. Neste sentido, as notícias representam uma “(...) forma cultural, um produto da cultura, um artefato que (...) involuntariamente se apoia ou faz uso de padrões pré-existentes para produzir sentidos.” Schudson (1980, p.24 apud TRAQUINA, 1999, p.251). Mais do que uma simples narrativa ou o resultado de uma técnica, as notícias são resultado de discursos. Eles podem ser resultado de três processos: no percurso de nossa formação, através da sedimentação⁶; a partir do questionamento de ideias pré-concebidas compartilhadas conosco ao longo da vida ou, ainda; um processo adaptativo ao viés da empresa jornalística.

O viés de abordagem se revela de variadas formas: seja na expressão dos apresentadores, no caso do telejornalismo, seja na escolha das palavras que compõem o texto ou das imagens, dinâmicas ou estáticas, que ilustram o acontecimento. O fato é que as notícias são resultado de um “tratamento discursivo” (Emerim, 2010, p.5 apud TAVARES, 2013, p.192)”. Enquanto discurso, a composição da notícia é composta por “ditos” e “esquecimentos” (ORLANDI, 2012), por aquilo que se pode dizer e, principalmente, por uma infinidade de outras coisas que podem ser apreendidas do discurso, mas que não se apresenta explicitamente através dele. (BENETTI, 2016, p.240)

CONSTRUINDO A PESQUISA

Para tentar responder ao questionamento “Quais os discursos construídos sobre o adiamento e remarcação dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020?” tomaremos como objeto desta pesquisa as matérias veiculadas pela Rede Globo de Televisão, elegida como emissora oficial na transmissão do evento. Através do viés da Análise de Discurso, procuraremos desvelar os sentidos explícitos e implícitos presentes nas matérias dos telejornais da emissora.

⁶ O conceito, definido por Berger e Luckmann (2014) como aquelas informações, conhecimentos ou aspectos formativos que nos são transmitidos por indivíduos anteriores a nós. Estes elementos, ao serem interiorizados, passam a fazer parte do nosso universo de sentidos, ajudando a construir a identidade dos sujeitos e a deixa-los mais confortáveis naquele meio social.

A escolha pelo material audiovisual informativo visado pela análise do discurso deveu-se ao fato de que, através deste viés, é possível compreender a ocorrência dos acontecimentos transformados em jornalísticos em sua amplitude. Para este campo de pesquisa, o corpus aqui delimitado não seria tratado como algo que advém apenas da subjetividade de sujeitos, mas sim como parte de uma estrutura mais ampla de determinação sócio histórica que não só ampara o dito como são por vezes invisibilizados quando olhamos superficialmente os discursos emitidos. Assim, é pela Análise de Discurso que podemos “(...) levar em conta a singularidade do objeto, a complexidade dos fatos discursivos e a incidência dos métodos de análise (...)” (MAINGUENEAU, 1997, p.19)

Para compor o corpus desta pesquisa, as matérias tomadas para análise estão compreendidas entre os dias 26 de março de 2020, data da coletiva de imprensa que marcou o adiamento dos Jogos Olímpicos e 30 de março do mesmo ano, em que o COI decidiu por remarcar o evento para 23 de julho a 8 de agosto de 2021, mantendo a marca Tokyo 2020. Fazem parte do corpus desta pesquisa os materiais jornalísticos produzidos pelos telejornais: Bom dia Brasil, cuja âncora é Ana Paula Araújo; Combate ao Corona vírus, programa que compunha a grade da central de jornalismo à época, responsável por construir um panorama informativo acerca da pandemia, comandado por Márcio Gomes; Jornal Hoje, apresentado por Maria Júlia Coutinho; Jornal Nacional, que tem como âncoras Renata Vasconcelos e William Bonner e o Jornal da Globo, apresentado por Renata LoPrette.

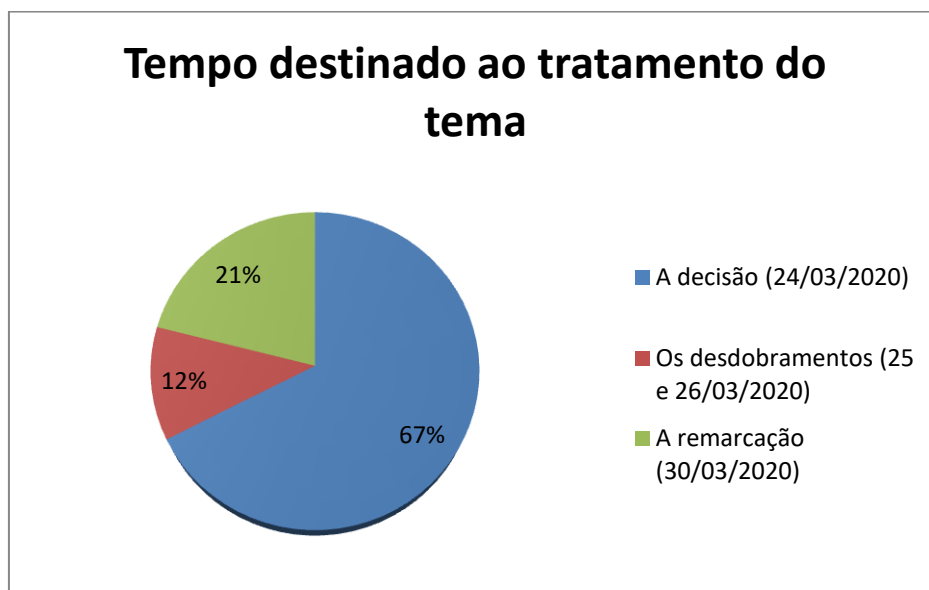


Gráfico 1: Distribuição do tempo de abordagem do tema “Adiamento Olímpico”

Ao todo, foram coletados para análise 41 minutos de matérias destinadas ao tratamento do tema, estes distribuídos entre todos os programas jornalísticos da emissora em quatro dias: 24, 25, 26 e 30 de março deste ano. Para melhor disposição da análise, o corpus da pesquisa foi classificado em “Adiamento”, que detém a maior parte do material analisado (27 minutos e 40 segundos) “Repercussão”, com apenas 4 minutos e 43 segundos e “Remarcação”, que ocupou 8 minutos e 38 segundos da programação.

A NOTÍCIA HISTÓRICA DO ADIAMENTO OLÍMPICO EM TRÊS ATOS

- **A decisão**

Nesta categoria estão compreendidas as notícias veiculadas no dia 24 de março, data que foi marcada pela coletiva de imprensa que anunciou o adiamento das Olimpíadas. O ineditismo da decisão foi determinante para transformação do evento em notícia, fazendo com que o tema fosse recorrente em todos os telejornais da emissora, ocupando 27 minutos e 40 segundos da programação.

Podemos realizar uma subdivisão das matérias contidas neste tópico de análise. Para tratar do tema adiamento, foram estabelecidos quatro pilares centrais que ajudaram a construir o acontecimento: “o ineditismo da decisão”; “questões logísticas”; “a pressão posterior à decisão” e o que convencionamos chamar de “o cenário da pandemia”. No tratamento do tema, além de um panorama mais geral a respeito dos acontecimentos, o que podemos notar é que, apesar de a cobertura estar centrada em Carlos Gil, correspondente das terras japonesas, a emissora se utiliza de outros correspondentes na Europa para ajudarem a construir um panorama mais detalhado do acontecimento: Rodrigo Carvalho, de Londres, e Guilherme Roseguini, de Nova Iorque.

O viés do “ineditismo da decisão” foi amplamente desdobrado tanto por âncoras quanto pelo correspondente em Tóquio. Diversos recursos linguísticos, como o uso de superlativos e figuras de linguagem estão presentes na composição dos discursos. Assertivas como “**decisão que não tem precedentes na História**”, proferida pela âncora do Jornal Nacional, Renata Vasconcelos, ou “**Primeira vez na Era Moderna dos Jogos Olímpicos que uma edição precisa ser adiada**”, como tratou Márcio Gomes, âncora do Combate ao Coronavírus (CACV) representam as dimensões da decisão tomada.

Este fato também pôde ser observado quando nos atentamos à escolha das palavras que compunham os discursos. É comum o uso de superlativos, tal como em “(...)decisão **importantíssima**, que tem um impacto **fortíssimo** no mundo do esporte”, de Márcio Gomes (CACV), para ilustrar a relevância da decisão narrada nas notícias. Outro ponto que merece destaque é a não surpresa demonstrada tanto por dirigentes quanto pelos próprios correspondentes, uma vez que esta decisão foi fruto de uma pressão coletiva. Além disso, a decisão pelo adiamento é vista com esperança, fato que pode ser observado pela afirmação de Thomas Bach, presidente do COI, em matéria do JN, ao afirmar que o adiamento é pela “celebração da humanidade depois de superar essa grande crise do corona vírus.”

Mesmo assim, o adiamento ora é tratado como “(...) uma notícia que cai como uma bomba” (CACV), quanto é demonstrado que a decisão é fruto de ações anteriores. O retrato é de uma notícia que já vinha sido prevista pelo desenrolar da situação, tal como podemos perceber nas notícias do Jornal Nacional (JN). **“E o anúncio, que foi dado em seguida, não foi surpreendente, não foi polêmico, foi histórico. / não foi uma reação de surpresa. O anúncio já era esperado diante de tanta pressão de atletas e dirigentes esportivos / mistura de tristeza com alívio”**.

Isso nos leva ao segundo pilar de análise, a pressão dos atletas. Como podemos perceber acima, a decisão pelo adiamento só colocou um ponto final a um processo que já vinha se desenrolando há algum tempo. Mais do que um processo burocrático ou uma decisão tomada em conjunto frente à impossibilidade de treinamento e ocorrência de eventos preparativos, o adiamento foi algo sentido, fruto de subjetividade. Permearam no tratamento do tema palavras como “alívio”, “preocupação” e “cuidado”. O discurso deixou nas entrelinhas, ainda, a real necessidade da troca de prioridades, que foi expresso por Daniel Dias, nadador paraolímpico, como uma “decisão sensata e sábia”.

A garantia dos princípios olímpicos e esportivos do Agôn⁷, ou a proposta de uma competição em que ambos os competidores tenham igualdade na disputa, foram elementos perceptíveis no discurso dos atletas, olhando para além do dito (PÊCHEUX, 1990). Ainda para Eni Orlandi (2012, p. 34) “(...) só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras.”.

⁷ As demais classificações a respeito dos jogos podem ser encontradas na obra de Roger Caillois “Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem”.

Frases como “(...) é uma grande notícia, porque **permite a igualdade de condições para os atletas que estarão no evento** e protege a saúde deles.”, dada no Jornal Hoje (JH), que é validada por uma frase semelhante da sonora de Gabriel Medina, comprovam tais colocações. Já o jornalista Marcelo Courrege avalia a decisão como acertada, uma vez que para ele, naquele momento, o melhor era “(...) esperar que os atletas consigam se preparar melhor e **consigam, claro, se apresentar melhor na olimpíada, que é o grande palco da carreira deles.**”, demonstrando tanto a relevância do evento, de dimensões globais, quanto a validação dos princípios de disputas em equidade pelos competidores.

A dimensão do evento e a relevância de sua ocorrência também valida o terceiro pilar de análise do adiamento olímpico. Nesta seção, a preocupação dos jornalistas era traçar um panorama da logística traçada para a ocorrência do evento e os impactos nos mais variados âmbitos da vida social que essa decisão de adiamento acarretaria.

O panorama do adiamento e das proporções do evento puderam ser delineados através das declarações de Rodrigo Carvalho, correspondente em Londres, ao CACV, em que relata que “Uma Olimpíada envolve mais de 200 comitês olímpicos, acordos comerciais, milhares de atletas, mais de 11 mil atletas.” e de Carlos Gil, correspondente no Japão, ao em que avalia que

“Em sua trigésima segunda edição, a previsão era de que 11 mil atletas de pelo menos 204 países disputassem os jogos distribuídos por 33 esportes. O COI e o Comitê Olímpico do Japão ainda tinham como expectativa que recebessem até cinco milhões de espectadores de todo o mundo.” (JH)

Prezando pela saúde, o bem estar e a preparação dos atletas das mais variadas nações, o adiamento, visto do ponto de vista logístico, foi descrito por algumas figuras de linguagens significativas. Utilizaram-se preferencialmente metáforas e algumas expressões/jargões para que o tema pudesse ser abordado, o que se pôde notar em “(...) é uma das muitas **peças do quebra cabeças** que terão de ser remontadas agora”, dada por Carlos Gil ao Bom dia Brasil (BDB) e “o primeiro ministro japonês, (...) **deu a última cartada** e pediu o adiamento.”, dada pelo mesmo jornalista ao JH.

Os mesmos recursos linguísticos puderam ser vistos quando analisamos o quarto pilar que sustenta esta análise, “O panorama da pandemia”. Classificado como “sonho”, a olimpíada e a decisão pelo adiamento foram classificados pelos jornalistas como “um **farol de esperança** para o mundo durante esses **tempos conturbados**” e a chama

olímpica, um dos principais símbolos do ritual, comparado a “uma **luz no fim do túnel**”. (CACV). Ainda no mesmo programa, a proposta de um “sonho olímpico”, proposto por Carlos Gil ao JH, é expressa de maneira metafórica. Retomando a ritualidade que envolve o evento, Gil apresenta que “A Olimpíada resistia, até como você bem disse, como **um sinal de esperança, de força, de resistência**. Desistir, adiar a Olimpíada, não é uma derrota, é apenas um adiamento realmente. A olimpíada vai continuar existindo e **vai continuar trazendo todo o símbolo**”.

O panorama da pandemia é retomado quando os jornalistas chamam atenção à disseminação de casos ao redor do mundo que já começava a preocupar. Classificado como uma “guerra” (BDB) com propagação “(...) sem precedentes e imprevisível” (CACV), o que se pôde perceber é que a narrativa, naquele momento, se projetava para algo relacionado ao “adiamento de um sonho” trazida por um ser microscópico, invisível mas que trouxera consequências nas mais variadas áreas da vida em sociedade.

- **Os desdobramentos**

Esta categoria de análise compreende o que jornalisticamente se convencionou chamar “suíte”, que marca o critério de noticiabilidade em que o acontecimento tem potencial para reverberar pelos dias posteriores através de seus desdobramentos. Compõem esta categoria as matérias publicadas no Bom dia Brasil (BDB) e Jornal Nacional (JN) no período de 25 e 26 de março, ocupando 4 minutos e 43 segundos da programação jornalística.

A abordagem do tema “Adiamento” ficou centrada nos impactos econômicos e na gestão de crise motivados pela decisão do COI. O discurso assumido neste período, entre 25 e 26 de março, se deteve à retomada de articulações discursivas já exploradas no momento do anúncio do adiamento. A metáfora das peças do quebra-cabeças foi recorrente nas matérias do dia 25. A primeira retomada foi feita pelo correspondente do Japão, Carlos Gil, que afirmou que a antecipação de uma possível data para ocorrência das olimpíadas de Tóquio, dependeria “(...) da montagem de um **complexo quebra cabeças**.” (BDB) ou ainda por Eric Faria, que afirma que a logística de reprogramar um evento de tamanho porte dependeria de uma espécie de habilidade em “**montar um grande quebra-cabeça**”. (JN).

Reiterando a necessidade e a validade da decisão pelo adiamento, a jornalista responsável pelas notícias esportivas do BDB, Carol Barcelos, afirmou que “decisão que **demorou, mas que finalmente saiu** e que reafirma a gravidade dessa pandemia”. Os desdobramentos da decisão foram classificados como resultado de um longo e necessário processo que já vinha se desencadeando desde a disseminação do vírus nas mais variadas localidades do globo, sendo uma “**decisão unânime** de comitês olímpicos nacionais e federações esportivas.” (JN).

Frente aos questionamentos levantados a respeito da demora na tomada de decisão pelo adiamento das Olimpíadas de Tóquio, que também foi destaque nas matérias que noticiaram a decisão no dia anterior, foi utilizada uma sonora de Thomas Bach, presidente do COI, em que se exime da postergação do anúncio ao afirmar que “(...) a decisão **não foi tardia**, o quadro da pandemia é que se **agravou rapidamente**.”. Classificado por Carlos Gil como um momento que “(...) exige **sacrifícios e comprometimento**.”, a redefinição do evento, à data, ainda era uma incógnita, em que a única informação que ainda se tinha era de que “só será organizado em um ambiente saudável para todos” (BDB). Apesar disso, sustentado no discurso dos representantes do Comitê Organizador, Gil afirma que era unânime a decisão de que “Tóquio continua sendo a **cidade mais bem preparada** de todos os tempos para, agora, reorganizar os Jogos Olímpicos.”.

Já a nota pelada feita no dia 26 de março, no Bom dia Brasil (BDB), foi lida por Ana Paula Araújo e tratou a respeito de uma ritualidade olímpica. O revezamento da tocha olímpica, acesa em uma cerimônia que remete aos primórdios da competição, ainda na Grécia Antiga, teve que ser suspenso. Para garantir a ritualidade e o simbolismo deste ato, a jornalista afirma que decidiu-se por escolher Fukushima como local para “guardar” a chama olímpica. A nota explica a escolha do local, atingido por um desastre nuclear em 2011.

- **A remarcação**

O cenário incerto, aos poucos foi ganhando novos contornos. Apesar da previsão de uma logística complexa e que demandaria um tempo, o contrário ocorreu. Seis dias após noticiar o adiamento, o Comitê Olímpico Internacional, em uma decisão conjunta e consensual decidiu por realizar os Jogos entre 23 de agosto e 8 de setembro de 2021.

O tema ocupou 8 minutos e 38 segundos da programação do dia 30 de março, data do anúncio. Composto todos os telejornais da emissora, a notícia foi sempre complementada por informações de Carlos Gil, correspondente em Tóquio. Em um misto de impressões pessoais e tentativa de criar um panorama do acontecimento, o repórter se utiliza de vários recursos linguísticos, tais como metáforas e jargões, para expressar-se a respeito do tema.

Para construir um cenário para o acontecimento abordado no dia 30 de março, Carlos Gil retoma a utilização de metáforas e jargões. Centrando-se no cenário confuso e nas informações desencontradas, é possível perceber através dos discursos de Carlos Gil a complexidade da decisão tomada. Neste caso, como afirma Eni Orlandi (2012, p.34), foi preciso "(...) considerar o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária.”.

Considerando que o mesmo jornalista ofereceu as informações aos telejornais da emissora em momentos distintos, foi possível notar construções discursivas distintas para construção de uma mesma informação. Para definir o posicionamento do COI, Gil avalia que o Comitê deu “sinal verde” (JN) e “O Comitê Organizador **anda batendo cabeça**” (BDB), “Depois de **idas e vindas**, de negar e duas horas depois confirmar, o comitê organizador **bateu o martelo** (GIL JH)” e definiu o cenário como “confuso” e reafirma que “poucas horas depois de convocar uma entrevista para negar a informação que já circulava aqui na imprensa local / chamou os jornalistas **às pressas**” (BDB) ou ainda em “Surpreendente é a **capacidade** que os dirigentes estão demonstrando **de voltar atrás** nas declarações **com tanta rapidez.**” (JN).

Outro pilar que sustenta as decisões conjuntas do COI e do comitê organizador está na utilização argumentativa do tempo. Quase como de uma forma poética, o correspondente avalia que o tempo se configura como “**vantagem imbatível**” (JN), seja em questão da preparação dos atletas, questões logísticas de renegociação de contratos ou até mesmo para que a pandemia defina seus contornos e possa ser contida. O impacto da decisão foi expresso por sonoras de atletas e dirigentes, que, em sua maioria, a definiram como um momento de “tranquilidade”, já que o tempo, segundo o atleta Bruno Soares, “facilita as coisas / todo mundo já tem mais ou menos ideia do que fazer.”.

O último aspecto analisado retoma a questão logística de reprogramação do evento de tamanhas dimensões. Apesar de um possível adiantamento permitir economia nos gastos, que eram inevitáveis, as questões de revisões contratuais se tornaram complexas, seja em relação às instalações, que já tinham destino certo ao final do evento em 2020, seja em questão pessoal de disponibilidade dos voluntários. Apesar de o jornalista afirmar a existência de um fundo, de cerca de dois bilhões de dólares, este complementa que “Tudo será revisto, mas os custos adicionais são **inevitáveis** e, nesse momento, segundo os executivos de Tóquio, **não podem ser calculados ainda.**” (JH). Isto revela que, apesar de certa definição, relativa a datas, muitas outras perguntas a respeito da decisão conjunta não puderam ser respondidas naquele momento, seja com relação a custos, seja quando considerada a disseminação e controle do vírus naquele momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a linguagem, nenhum discurso é neutro, transparente ou natural (BENVENISTE, 1991). É através deste pressuposto que passamos a considerar os discursos produzidos para serem veiculados por meio de veículos de comunicação. Muito mais do que nos atentar àquilo que está posto no discurso, o que vale é desvelar os sentidos atravessados do discurso e, mais do que isso, a força discursiva contida na posição de sujeitos cujos discursos são amplificados através de meios de comunicação.

Sustentados pelos critérios de noticiabilidade, os jornalistas, regidos por uma série de princípios subjetivos e organizacionais, são os responsáveis por transformar eventos cotidianos em acontecimentos jornalísticos. É através dos “óculos”, que os jornalistas “(...) vêem certas coisas e não outras; e vêem de uma certa maneira as coisas que vêem.” (BOURDIEU, 2001, p.12). Neste sentido, colocados em uma situação de emissão de uma mensagem, que será recebida das mais variadas formas pelos sujeitos, os jornalistas têm responsabilidades intrínsecas.

Para Bourdieu (2001, p.15) “(...) a televisão, que pretende ser um instrumento de registro, torna-se instrumento de criação de realidade”. A construção discursiva, portanto, tem um poder de modulação, que passa por um processo seletivo de sintagmas que, consciente ou inconsciente, reforçam ou atuam como agentes dispostos a desconstruir aquilo que está posto. Neste sentido, no processo de construir a narrativa que se deseja “veicular a todos”, o agente é muito mais que um veiculador, mas sim um

construtor cuja responsabilidade não pode ser eximida. O que fazemos é construir sentidos, criar imagens, reforçar ideias ou ajudar a desconstruir (BOURDIEU, 2001).

Ao voltarmos nosso olhar para o tratamento do tema aqui tomado como objeto de pesquisa, o adiamento das Olimpíadas de Tóquio, uma série de elementos podem ser trazidos à luz para desvendar os sentidos contidos nos discursos dos jornalistas envolvidos na cobertura. Mais do que falarem por si, os discursos por eles emitidos fazem parte de uma estrutura mais complexa de sentidos que perpassam questões editoriais.

Diversos foram os mecanismos discursivos utilizados para que se pudesse construir um cenário mais detalhado a respeito do adiamento. A utilização de metáforas, jargões e expressões verbais foram recorrentes, principalmente no discurso de Carlos Gil, correspondente que ficou responsável pela atualização de informações por, de certa forma, ser “testemunha ocular” de uma história que, àquele momento, ainda estava em um processo de constante construção.

Ocupando um tempo significativo da programação da TV Globo, a notícia do adiamento olímpico é, por vezes, apresentada como algo dicotômico e maniqueísta. Mesclam-se, nos discursos, cenários caóticos e otimistas. Ora apresentado através dos significativos impactos econômicos ou como resultado de uma pandemia de grande disseminação e alto potencial mortal, o adiamento olímpico também é visto como um sinal de esperança, aflorando metáforas como “luz no fim do túnel” ou “chama da esperança”.

A validação dos discursos construídos pelo correspondente das terras japonesas está amparada, principalmente, em figuras decisivas para tal acontecimento. A todo instante, figuras como o presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach, do primeiro ministro japonês e de membros do comitê organizador são rememorados. Este recurso linguístico nos remete a uma forma de manutenção discursiva validada por situações de emissão e de figuras de relevância, uma vez que, o fato de ter demorado e ser algo previsível, segundo as palavras do próprio correspondente, foi resultado de uma decisão coletiva e envolveu uma estrutura complexa. Assim, o jornalista se converte em

(...) testemunha que vê, a testemunha que fala, a testemunha que escreve, (...), desempenha claramente um papel essencial, uma vez que é um mediador primário, para não dizer único.” [...] não temos nada melhor que a memória para significar que alguma coisa teve lugar, aconteceu, se passou antes que declarássemos lembrarmos dela.” (ROUSSO, 2016, p.282)

Podemos concluir, portanto, que os discursos produzidos para o tratamento do tema ajudaram a construir um cenário mais complexo a respeito dos acontecimentos que ainda estavam em curso naquele momento. Mais do que um simples acontecimento transformado em jornalístico, as narrativas sobre o adiamento das Olimpíadas de Tóquio se converteram em documentação histórica de um evento nunca antes presenciado. Através das lentes da Rede Globo, o jornalismo pôde se fazer “testemunha ocular da história”, procurando fazer com que os telespectadores pudessem, ao menos em parte, transportarem-se “(...) simultaneamente ao lugar onde o acontecimento está a ter lugar” (KATZ, 1999, p.53).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. 21. ed. Trad: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis-RJ: Vozes. 2014.

BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. In. **Pesquisa em Comunicação Metodologias e Práticas Acadêmicas**, p. 235-256, 2016.

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I. In: **Problemas de linguística geral I**. 1991. p. 387-387.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 2001.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Editora Vozes Limitada, 2017.

KATZ, Elihu. Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa, Vega, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad: Freda Indursky, Campinas: Pontes, 1989.

MOLOTCH, H.; LESTER, M. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1999

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente, o contemporâneo. Editora FGV, 2016.

TAVARES, Joana Brandão Ciber-informações nativas: uma análise da circulação da informação dos cibermeios de autoria de povos indígenas residentes no território brasileiro (2005-2012). Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Editora Vega. 1999